

ROTEIRO PARA O ESTUDO DO ÓRGANON*

Paulo Alcoforado**

Abstract

This paper is intended to be a reading guide. It is a gateway to Aristotle's Organon split into three levels of bibliographical sources, displaying: (1) Primary sources, comprised for the organon's books, pointing to a variety of editions and translations; (2) Ancient secondary sources, gathering greek and latin commentators on the aristotelian texts; (3) Recent secondary sources, comprised for the main primary sources. In designing and writing this pathway to the Organon, we have been guided both by sufficiency and concision concerns. If one follows the bibliographical track here recorded, one gets a reasonable acquaintance of the Aristotle's organon and of the research tradition based upon it.

A palavra *órganon* é uma mera transliteração da palavra grega *órganon*, que significa instrumento. Inicialmente, o termo *órganon*, na acepção de instrumento do conhecimento ou da ciência, foi aplicado por Alexandre de Afrodísias (c. 200 d.C.) à doutrina lógica desenvolvida por Aristóteles (*Schol.*, 141b25). Importa notar, porém, que esse comentador aplicou o termo tão-somente à doutrina que se encontra nos *Analíticos*. Deste núcleo, ao que parece, irradiou-se para as demais obras lógicas. Em outras palavras, o termo *órganon*, embora restrito em sua origem às teorias lógicas que se encontram nos *Analíticos*, teve seu significado rapidamente estendido a todo o conteúdo doutrinário contido nos demais escritos lógicos de Aristóteles. Por outro lado, os primeiros a sustentar o caráter instrumental da lógica que Aristóteles criara foram seus comentadores, e não os estoicos, para quem a lógica seria não um instrumento, mas uma parte da filosofia. Mais tarde, os comentadores neoplatônicos do século sexto tomam a palavra *órganon* não mais na acepção que acabamos de descrever, mas no sentido de conjunto das obras lógicas

* O presente trabalho é parte de uma série de estudos sobre lógica grega financiados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizados com o apoio do Instituto de Lógica, Filosofia e Teoria da Ciência (ILTC). Ficam aqui consignados meus sinceros agradecimentos a ambas as instituições. Este trabalho é dedicado ao Prof. Dr. Alexandre Sérgio da Rocha.

** Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de Filosofia e Instituto de Lógica e Teoria da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Esta é a concepção dominante sobre a dupla acepção assumida pela palavra *Órganon*. Cf. W. D. Ross, *Aristotle*, London, Methuen, 1923; reimpr. 1960, p. 20.

de Aristóteles.¹ Nesta última acepção, coleção das obras lógicas de Aristóteles, o *órganon* compreende seis tratados dispostos na seguinte ordem: *Categorias*, *Da Interpretação*, *Primeiros Analíticos*, *Segundos Analíticos*, *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*. Neste sentido, o termo *órganon* sobrevive até nossos dias.

Como se sabe, Aristóteles conhecia e empregou a palavra *órganon* em diversas obras e lugares (*Tóp.*, 108b38; 163b10; cf. BONITZ, *Index*, s.v.). Deste fato, porém, não se segue que seja de sua autoria o título *Órganon* que usualmente se aplica a esses tratados, nem o critério pelo qual foi realizada esta seleção, nem as obras selecionadas que encontramos sob este título, como tampouco é sua a ordem de sua disposição. Muitos séculos após a edição de Andrônico de Rodes, ainda os comentadores antigos discutiam não somente a seqüência em que estão dispostos os tratados, como também que obras aí deviam ou não figurar. Assim, sabemos que a *Poética* e a *Retórica* foram, por alguns, consideradas partes integrantes do *Órganon*.² Ainda hoje, encontramos autores que estendem a lista dos escritos lógicos a ponto de abranger os escritos retóricos de Aristóteles.³ Neste caso, sua obra lógica compreenderia os seis livros do *Órganon* e ainda a *Retórica* e a *Retórica a Alexandre*. Tal concepção é, segundo nosso juízo, insustentável, já que amplia em demasia o conceito e os objetivos da lógica, o que não está de acordo, ao que parece, com as diretrizes do pensamento aristotélico.

Como se vê, a organização e disposição desses diversos livros que encontramos nos manuscritos medievais e nas edições modernas e contemporâneas constituem o termo de uma lenta evolução. Em sua configuração atual, o *Órganon* só ficou definitivamente estabelecido em torno do século quarto, mas sua divulgação no Ocidente latino só ocorre a partir do início do século VI, quando Boécio traduz para o latim os seis tratados, na ordem que hoje conhecemos, precedidos pelo *Isagoge* (c.270 D.C.) de Porfírio.⁴

Esses tratados, no entanto, não foram assim ordenados por Aristóteles, nem se encontram ordenados por um critério cronológico de composição, mas provavelmente, como já observara Brandis, segundo uma disposição sistemática que vai do mais simples para o mais complexo.⁵ Neste sentido,

2. Cf. P. Moraux, *Les listes anciennes des ouvrages d'Aristote*, Louvain, 1951, pp. 177ss.

3. O. Hamelin, *Le système d'Aristote*, Paris, Alcan, 1920, p. 26.

4. F. Solmsen, 'Boethius and the History of the Organon', *American Journal of Philology*, 65 (1944), pp. 69-74.

5. C. Brandis, 'Über die Reihenfolge der Bücher des Aristotelischen Organons', *Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Hist-philol. Klas.*, 1833, pp. 249-299. Ver especialmente, p. 252.

vemos ser discutido inicialmente o conceito (*Categorias*), a seguir a proposição (*Da Interpretação*) e depois a inferência. Uma vez atingido o patamar da inferência, o silogismo é minuciosamente descrito em seus aspectos mais importantes e fundamentais (*Primeiros Analíticos*), sendo depois examinadas suas aplicações ou especificações, que vão do silogismo demonstrativo (*Segundos Analíticos*), passando pelo silogismo provável (*Tópicos*) até atingir o silogismo sofístico (*Refutações Sofísticas*).⁶ Pode-se ainda dividir os tratados que constituem o *Órganon* em duas partes, mediante os seguintes critérios: a primeira, que compreende as *Categorias*, *Da Interpretação* e os *Primeiros Analíticos*, versa sobre a teoria do mecanismo do raciocínio; a segunda, que compreende os *Segundos Analíticos*, os *Tópicos* e as *Refutações Sofísticas*, compreende a teoria das diferentes aplicações do raciocínio.⁷

Cabe, porém, reiterar que qualquer que tenha sido o critério classificador e ordenador dos tratados lógicos que constituem o *Órganon* em sua configuração atual, este não foi formulado originalmente por Aristóteles.

BIBLIOGRAFIA

Sob a rubrica de 'Literatura Primária', é nosso objetivo enumerar não só as edições críticas do texto grego como também as melhores traduções (para o inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e português) realizadas nos séculos XIX e XX. Por outro lado, sob o título de 'literatura secundária', procuraremos listar os melhores e mais relevantes comentários (gregos, latinos e recentes), estudos e monografias sobre os diversos livros do *Órganon*. Evitamos, de modo sistemático, indicar obras de alta erudição técnica ou de difícil acesso para o leitor médio brasileiro.

I. Literatura Primária.

Aqui, vamos enumerar as diversas edições e traduções que foram feitas do *Órganon* em sua totalidade, tanto no século XIX quanto no século XX.

Embora seja do período renascentista, importa não omitir a célebre edição, com tradução e notas marginais, que ainda hoje tem seu interesse: J. Pacius, *Aristotelis Stagiritae... Órganon*, Francofurti, 1597; várias edições e reed. anast., Frankfurt a. M., 1967. Seu interesse atual consiste sobretudo em suas notas e observações ao texto do *Órganon* aristotélico.

6. J. Brunschwig, 'Introduction', *Aristote: Topiques*, vol. I, Paris, Les Belles Lettres, 1967, p. LXXXIV.

7. E. Thionville, *De la théorie des lieux communs dans les Topiques d'Aristote*, Paris, Durand, 1855, p. 11.

No século XIX houve várias edições do *Órganon*, das quais destacamos as duas seguintes. A primeira é *Aristotelis Opera edidit Academia regia Borussica*, G. Reimer, Berolini, 1831-1870. Esta edição, em cinco volumes, assim se distribui - I-II: *Aristoteles Graece* (encerra o texto grego) editado por I. Bekker, 1831; III: *Aristoteles Latine* (traduções latinas renascentistas), 1831; IV: *Scholia in Aristotelem* (notas ao texto aristotélico) editado por C. A. Brandis, 1836; V: *Aristotelis Fragmenta* (Fragmentos de obras) editado por V. Rose, 1870. Há que se destacar um *Index Aristotelicus* sob os cuidados de H. Bonitz (1870, 2ª ed., Darmstadt, 1955). Os livros lógicos que constituem o *Órganon* encontram-se todos no primeiro volume. Esta edição da obra de Aristóteles foi reimpressa com correções por O. Gigon, Berlin, 1960-61.

Outra obra, que tampouco pode ser omitida e que em inúmeros pontos corrige o trabalho acima mencionado de Bekker, é a de Firmin Didot, *Aristotelis Opera Omnia Graece et Latine, cum Indice Nominum et Rerum Absolutissimo*, 4 vols., Paris, 1848-69. O *Índice*, que constitui o quinto volume, foi publicado em 1874. Esta edição de Aristóteles, que encerra o texto grego com tradução latina, não recebeu o apreço que merece, talvez por não seguir o sistema de paginação implantado por Bekker. As obras lógicas se encontram no primeiro volume.

Outra edição do *Órganon* que cabe ser mencionada é a de Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*. 2 vols., Leipzig, 1844-1846; reeditada em Aalen, Scientia, 1965. O primeiro volume contém: *Categorias, Da Interpretação e Primeiros Analíticos*; o segundo encerra: *Segundos Analíticos e Tópicos*, I-IX. Ainda hoje é de extrema valia, pela importância e pertinência de seus comentários. Depois destas, não houve, nos séculos XIX e XX, outra edição crítica do texto grego dos livros do *Órganon* como um todo. Quanto às traduções do *Órganon* em sua totalidade, nos séculos XIX e XX, destacamos as seguintes.

Para o inglês, no século XIX, há a conhecida tradução O. F. Owen, *The Organon, or Logical Treatises, of Aristotle, literally Translated with notes*, London, 1877. Há também Th. Taylor, *Aristotle's Works*, 10 vols., London, 1812 - onde o *Órganon* se encontra no vol. II. Mais recentemente, no século XX, destacamos a edição realizada pela Loeb Classical Library, London, Heinemann, 1938-60. Esta edição em três volumes assim se distribui: (I) Aristotle, *Categories and on Interpretation*, (tr. H. P. Cooke) and *Prior Analytics*, (tr. H. Tredennick), 1938; reed. 1955. (II) Aristotle, *Posterior Analytics* (tr. H. Tredennick) and *Topica* (tr. E. S. Forster), 1960; reed. 1966. (III) Aristotle, *On Sophistical Refutations*, (tr. E. S. Forster), 1955; reed. 1965. Há ainda a tradução do *Órganon* que ocorre em W. D. Ross (ed.), *The Works of Aristotle*, 12 vols., Oxford, Clarendon, 1928; com inúmeras reedições. Nesta obra, os tratados lógicos de Aristóteles se encontram reunidos no primeiro volume e assim se distribuem quanto aos tradutores: *Categoriae, De Interpretatione* (tr. E. M. Edghill); *Analytica Priora* (tr. A. J. Jenkinson); *Analytica Posteriora* (tr. G. R. G. Mure); *Tópica, De Sophisticis Elenchis* (W. A. Pickard - Cambridge).

Para o francês, no século XIX, há a famosa tradução do *Órganon* de Barthélemy Saint-Hilaire, *De La Logique d'Aristote*, 4 vols., Paris, Ladrangue, 1838-43, hoje totalmente superada. Na atualidade, contamos com a tradução segura e equilibrada de J. Tricot, *Aristote, Organon*, 5 vols., Paris, Vrin, 1936 ss. Não há para o francês outra tradução, por um único editor, do *Órganon*.

Para o italiano, conhecemos apenas a seguinte edição: G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955. Talvez seja o caso de destacar duas coletâneas interessantes de um ponto de vista pedagógico: L. Pelloux (org.), *Aristotele, L'Organon. Passi Scelti con Introduzione e Note*, Torino, 1957. C. A. Viano, *Aristotele, Logica. Passi Scelti e Tradotti con Introduzione e Commento*, Torino, 1952. Na atualidade há em desenvolvimento uma nova tradução de Aristóteles para o italiano com comentários e notas, dirigida por D. del Grande, junto à editora Luigi Loffredo, Nápoles.

Para a língua alemã, no século XIX, contamos com a seguinte tradução: J. Kirchmann, *Das Organon des Aristoteles ubersetzt und erlautert*, 5 vols., Leipzig, 1876-83, e ainda K. Zell, *Aristoteles' Werke, Organon*, Stuttgart, J. B. Metzler, 1836. No século XX, destacamos E. Rolfes, *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1922, e ainda P. Gohlke, *Aristoteles, Die Lehrschriften*, 4 vols., Paderborn, Schöningh, 1951.

Para o espanhol há três edições do *Órganon* que não devem ser aqui omitidas: P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Logica*, México, Porrúa, 1969; F. Samaranch, *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1973; e ainda *Aristóteles, Tratados de Lógica (Órganon)*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1988.

Para a língua portuguesa só recentemente foi feita uma tradução completa de todo o *Órganon*: P. Gomes, *Aristóteles, Órganon*, 5 vols., Lisboa, Guimarães Editores, 1985. Por sua qualidade, porém, deixa muito a desejar e assim não pode ser recomendada.

II. *Literatura Secundária*. Recentemente apareceu o livro de V. Sainati, *Storia dell' Organon Aristotelico*, 2 vols., Firenze, Le Monnier, 1968-1973 que condensa muita informação relevante sobre os diversos livros que constituem o *Órganon*. Ela porém se recente do fato de conter muitas digressões verbais de importância discutível.

Um instrumento de extrema importância, sobretudo para os estudos aprofundados, são os índices textuais e léxicos. Nesse sentido, importa assinalar os seguintes: H. Bonitz, *Index Aristotelicus*, 1870, 2ª ed., Darmstadt, 1955; F. Didot, *Index Rerum et Nominum*, Paris, 1874; T. W. Organ, *An Index to Aristotle*, Princeton, 1948. Quanto ao léxico há T. Kiernan, *Aristotle Dictionary*, New York, 1961. Deve-se também consultar, sempre que for o caso, os índices finais das obras isoladas. Eles também são de muita valia para os pesquisadores.

II

Categoriae

Nesta obra Aristóteles estuda as coisas homônimas, sinônimas e parônimas (*Cat.*, I); classifica as expressões e as coisas (II); trata da questão do predicado e da noção de gênero e espécie (III); estuda as categorias (IV-X); e finalmente, estuda a doutrina dos pós-predicamentos (XI-XV).

Razões de crítica interna e externa levam a dividir esta obra em duas partes distintas: a primeira, que se estende do capítulo I ao X, encerra sua doutrina das categorias ou predicamentos; a segunda, que compreende os capítulos de XI a XV, é classicamente conhecida sob o título de *Pós-predicamentos*. Esta distinção é, como veremos mais adiante, de extrema importância quando se procura discutir a questão da autenticidade deste livro.

O título *Kategoríai* é o que registra os catálogos das obras de Aristóteles, mas discute-se se ele é ou não aristotélico. Waitz entende que se trata de um título originalmente aristotélico.⁸ Minio-Paluello, no entanto, sustenta ter sido ele atribuído a este livro por um editor anterior a Andrônico, o que parece ser a concepção mais plausível.⁹ Este, porém, não é o único título que este tratado recebeu. Assim, temos *Peri ton déxa genixótáton genon*, de caráter pós-aristotélico e que se explicaria como uma alusão a seu conteúdo. Andrônico nos informa ainda a respeito de um outro título, *Tà pro ton tópon*, embora ele não creia que se trate de uma denominação autêntica e chega até, como veremos mais adiante, a propor uma explicação para a mesma. De fato, Aristóteles nunca cita esta obra por seu título. Nas passagens em que se poderia ver uma alusão a este livro, na verdade, Aristóteles se refere não a ele, mas à doutrina das categorias (cf. *De Anima*, 402a23; 410a14; *Soph. El.*, 166b10; 178a5; *An.Pr.*, 49a7).

A questão da autenticidade deste trabalho é complexa e controversa. Pela autenticidade, na história recente, temos De Rijk¹⁰ e Lugarini¹¹ e por sua

8. Th. Waitz, *Aristoteles: Organon graece*, Leipzig, 1844-1846; 2ª ed., Aalen, 1965, I, p. 265.

9. L. Minio-Paluello, *Aristotelis Categoriae et Liber de Interpretatione*, Oxford, Clarendon, 1949; reimpr. 1966, p. VI.

10. L. M. De Rijk, 'The Authenticity of Aristotle's Categories', *Mnemosyne*, 4 (1951), pp. 129-152.

11. L. Lugarini, 'Il problema delle categorie in Aristotele', *Acme*, 8 (1955), pp. 30-107.

inautenticidade se manifestam Dupréel¹² e S. Mansion.¹³ A seu favor existem inúmeros indícios: as diversas alusões de Aristóteles à doutrina das categorias sugerem a existência de uma obra que a encerra; os comentadores antigos, mesmo os que rejeitam um outro texto que versa sobre a mesma questão, admitem a autenticidade do livro de que hoje dispomos; seu inequívoco cunho aristotélico; e, finalmente, a favor de sua autenticidade, pode-se ainda invocar a inconsistência dos argumentos aduzidos contra ela.

A maior dificuldade a respeito da autenticidade das *Categorias* advém dos seus cinco últimos capítulos (XI-XV), que versam sobre uma doutrina que se tornou classicamente conhecida sob o nome de 'pós-predicamentos'. Isto porque o conteúdo dos *Postpraedicamenta*, denominação pela qual se tornaram conhecidos esses cinco últimos capítulos, pouco tem a ver com aquilo que foi desenvolvido nos capítulos anteriores e, sobretudo, porque o próprio Aristóteles afirma, ao terminar o Capítulo X, ter esgotado o assunto a que se propusera estudar e, assim, nada mais ter a acrescentar (*Cat.*, 11b10s). Desde a antiguidade, estes cinco capítulos, ao que parece, já eram designados sob o título descritivo de *Postpraedicamenta* e tomados como constituindo uma obra isolada. Andrônico sustenta que eles foram acrescentados à obra primitiva não por Aristóteles e que nisto reside a explicação do título *Tà pro ton tópon*, utilizado para denominar este tratado. Não se sabe, porém, se os *Postpraedicamenta* são ou não uma obra originariamente aristotélica. Parece bastante plausível que, mesmo não sendo autênticos, eles devam provir dos sucessores imediatos de Aristóteles.

A tradução latina *Categoriae* é uma mera transliteração do título *Kategoríai*. A forma latina do título grego foi seguida praticamente por todos os tradutores modernos e contemporâneos. Assim, os franceses traduziram por *Catégories* (Barthélemy Saint-Hilaire, Tricot), os italianos por *Categorie* (Pesce, Colli), os ingleses por *Categories* (Ackrill, Cooke, Edghill), os alemães por *Kategorien* (Gohlke), etc.

BIBLIOGRAFIA

Passamos aqui a enumerar tanto as edições críticas e traduções quanto os artigos e monografias votados à análise das *Categorias*.

12. E. Dupréel, 'Aristote et le Traité des Catégories', *Archiv fur Geschichte der Philosophie*, 22 (1909), pp. 230-251.

13. S. Mansion, 'La premiere doctrine de la substance: la substance selon Aristote', *Revue Philosophique de Louvain*, 46 (1946), pp. 349-369; *idem*, 'La Doctrine Aristotélicienne de la Substance et le Traité des Catégories', *Proceedings of the Xth International Congress of Philosophy*, 1949, vol. I, fasc. II, pp. 1097-1100.

I. *Literatura Primária*. No século XIX as *Categorias* tiveram três edições de seu texto grego que devem ser mencionadas: I. Bekker, *Aristotelis Opera*, vol. I, Berlin, 1831; F. Didot, *Aristotelis Opera*, vol. I, Paris, 1848; e ainda a edição de Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*, vol. I, Leipzig, 1844. Embora sejam hoje edições superadas, mesmo assim elas espelham um alto nível de elaboração. Na atualidade, a melhor edição crítica desta obra encontra-se em L. Minio-Paluello, *Aristotelis Categoriae et Liber de interpretatione*, Oxford, 1949.

Quanto às traduções para o inglês destacamos a de H. P. Cooke, *Aristotle, Categories and On Interpretation*, London, Loeb, 1938; E. M. Edghill, *Aristotle, Categoriae*, Oxford, Clarendon, 1928; a tradução recente de J. L. Ackrill *Aristotle's Categories and De Interpretatione*, Oxford, Clarendon, 1963; e finalmente há ainda Le Roy Smith, *Aristotle, Categories and Interpretation*, California, Guild, 1959. Para o italiano há as três seguintes traduções: D. Pesce *Aristotele, Le Categorie*, Padova, Liviana, 1966; D. Antiseri, *Aristotele, Le Categorie*, Bergamo, Minerva, 1971; e, finalmente, G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955. Para o alemão, há as traduções de J. Kirchamann, *Aristoteles, Das Organon*, Leipzig, 1876; E. Rolfes, *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1922; e P. Gohlke, *Aristoteles, Kategorien und Hermeneutik*, Paderborn, Schöningh, 1951; 2ª ed. 1972; K. Zell, *Aristoteles' Werke: Organon*, Stuttgart, Metzler, 1836. Para o francês, há a famosa tradução de J. Tricot, *Aristote, Organon, I: Catégories*, Paris, Vrin, 1936; 2ª ed. 1959. Para o espanhol há a tradução de F. Samaranch, *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1973; P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Logica*, México, Porrúa, 1969; e ainda *Aristoteles, Tratados de Logica (Organon)*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1988. Para o português, há as traduções de S. Pinheiro Ferreira (Rio de Janeiro, 1814; reimpr. São Paulo, 1970); M. Ferreira dos Santos (2ª ed., S. Paulo, 1965); a tradução portuguesa de P. Gomes, *Aristóteles, Organon, I: Categorias*, Lisboa, Guimarães, 1985 não pode ser recomendada.

II. *Literatura Secundária*. Sob esta rubrica listaremos o que foi produzido pelos comentadores gregos de Aristóteles, pelos principais comentadores latinos e ainda pelos comentadores recentes.

A) *Comentadores Gregos*. Há oito comentários gregos ao tratado das *Categorias*. Eis sua enumeração:

1. PORFÍRIO, In: *Aristotelis Categoriae expositio per interrogantem et respensionem*, ed. A. Busse, Berlin, 1887 (CAG, IV, 1).

2. DEXIPO, In: *Aristotelis Categoriae Commentarium*, ed. A. Busse, Berlin, 1888 (CAG, IV, 2)

3. AMÔNIO, In: *Aristotelis Categoriae Commentarius*, ed. A. Busse, Berlin, 1895 (CAG, IV, 4).

4. SIMPLÍCIO, In: *Aristotelis Categorias Commentarium*, ed. C. Kalbfleisch, Berlin, 1907 (CAG, VIII).
5. OLIMPIÓDORO, *Prolegomena et in Categorias Commentarium*. ed. A Busse, Berlin, 1902 (CAG, XII, 1).
6. FILÓPONO, In: *Aristotelis Categorias Commentarium*, ed. A. Busse, Berlin, 1898 (CAG, XIII, 1).
7. ELIAS, In: *Porphyrii Isagogen et Aristotelis Categorias Commentaria*, ed. A. Busse, Berlin, 1900 (CAG, XVIII, 1).
8. [SOFÓNIAS], *Anonymi in Aristotelis Categorias Paraphrasis*, ed. M. Hayduck, Berlin, 1883 (CAG, XXIII, 2).

B) *Comentadores Latinos*. Entre os comentários latinos de que esta obra foi objeto, destacamos os seguintes:

1. Alberto Magno, *Liber de Praedicabilibus, Liber de Praedicamentis, Opera omnia*, Vol. I, Paris, 1890.
2. J. Pacius, *Aristotelis Stagiritae... Organon*, Morgiis, 1584.
3. J. Pacius, In: *Porphyrii Isagogen et Aristotelis Organum Commentarius Analyticus*. Aureliae Allobrogum, 1605.
4. Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece cum Commentario*, Vol. 1, Leipzig, 1844-1846.

C) *Comentários Recentes*. Não há muitos comentários recentes a esse livro. Entre esses assinalamos as seguintes obras que, com maior ou menor desenvolvimento, auxiliam o esclarecimento desse difícil livro do *Organon*. J. A. Ackrill, *Aristotle's Categories and De Interpretatione*, Oxford, Clarendon, 1963; 3ª ed., Oxford, 1968. Sem dúvida, um dos melhores comentários já escritos ao livro das *Categorias*. Pode-se consultar com proveito, em francês, J. Tricot, *Aristote, Organon*, Vol. I, Paris, Vrin 1936; 2ª ed., 1959; em italiano, G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955. Ambas as obras encerram comentários interessantes. Finalmente, importa mencionar o seguinte livro: P. Aubenque (org.), *Concepts et Catégories dans la Pensée Antiquie*, Paris, Vrin, 1980, que, além de encerrar uma detalhada bibliografia (pp. 1-19), contém também uma análise capítulo por capítulo de todo o livro de Aristóteles.

III

DE INTERPRETATIONE.

Neste livro são desenvolvidos os seguintes temas: a noção de símbolo (*int.*, I); o nome e sua classificação (II); o conceito de verbo (III); a sentença (IV); a sentença categórica e a noção de oposição (V-VIII; X-XI; XIV); a questão dos futuros contingentes (IX); a sentença modal e sua oposição (XII-XIII). Ao contrário das *Categorias*, que se fragmentam em duas partes, a crítica textual e todas as evidências externas vêm esta obra dotada de uma unidade interna inquestionável.

O título grego deste livro, *Peri Hermeneías*, é de origem incerta. Segundo Minio-Paluello, também ele se deve a um editor anterior a Andrônico.¹⁴ Esta obra não é citada por nenhuma outra de Aristóteles. Ela, no entanto, cita os *Primeiros Analíticos* (*Int.*, 19b30s) e remete ao *De Anima* (*Int.*, 16a3-9) a respeito de uma questão que a rigor aí não se encontra. Este fato, desde o tempo de Andrônico, suscitou dúvidas a respeito de sua autenticidade. Como já se observou, entretanto, trata-se aqui, não de uma citação, mas de uma alusão genérica sem nenhuma pretensão de ser precisa. Normalmente, aliás, este é o sistema empregado por Aristóteles ao se referir a uma obra. Assim, Waitz¹⁵ entende que se trate de *De Anima*, III, 3-8. Para maiores detalhes, Chevalier.¹⁶

O título *Peri Hermeneías* foi traduzido de diversas maneiras. A solução que mais proximamente segue a forma grega, verte por *Herméneia* (Barthélemy Saint-Hilaire, 1843, I, p. 133; Azcárate, 1969; Thionville, 1855, p. 10 etc.), de forma similar Gohlke traduz por *Hermeneutik* (1972). Os tradutores latinos preferiram a forma *De Interpretatione*, tradução esta seguida pelos tradutores de língua inglesa (Minio-Paluello, 1949; Edghill, 1928; Ackrill, 1963). Seguindo proximamente a forma latina temos as traduções para o francês (Tricot), para o italiano (Pesce), para o espanhol (Samaranch). Por outro lado, observa Waitz que o título grego, em seu sentido próprio, sugere de imediato que se trata do estudo do complexo de sinais através dos quais a comunicação e a expressão são possíveis: '*Nam sensu proprio he hermeneia complectitur signa externa per quaecumque exprimuntur et cum aliis communicantur quae animun afficiunt...*'¹⁷. Por este motivo, talvez, alguns tradutores preferiram se afastar da tradução latina e em seu lugar propuseram uma locução quiçá mais condizente com o conteúdo da obra. Neste sentido, Colli (1955, p. 55) opta por traduzir por

14. L. Minio-Paluello, *Ob. cit.*, p. VI.

15. Th. Waitz, *Ob. cit.*, I, p. 326.

16. J. Chevalier, *La notion du nécessaire chez Aristote et chez ses prédécesseurs particulièrement chez Platon*, Lyon, A. Rey, 1914, p. 269-274.

17. Th. Waitz, *Ob. cit.*, I, p. 323.

Dell'Espressione, Samaranch (1973, p. 256) por *De la Expresion* (embora também admita *De la Interpretacion*).

A autenticidade deste livro é, desde os tempos antigos, objeto de inúmeras discussões. Diz-nos Amônio que o Capítulo XIV desta obra não foi abordado por Porfírio em seu comentário e o mesmo Amônio o toma como inautêntico. Andrônico, por sua vez, a rejeita por inteiro. Esta, no entanto, não é a concepção de Alexandre que assim condena a opinião de Andrônico. Por outro lado, a favor de sua autenticidade podemos arrolar alguns argumentos. Este livro nada contém que se oponha à doutrina que se encontra nos demais livros do *Corpus* e, por outro lado, a gramática e a forma são tipicamente aristotélicas. Tampouco procede a afirmação segundo a qual, por conter alusões aos megáricos, ele não poderia ser autêntico. Pelo contrário, tais alusões aos megáricos apenas provariam que este livro é de autoria do próprio Aristóteles ou, na pior das hipóteses, da geração imediatamente posterior.

BIBLIOGRAFIA

Aqui vamos examinar não só as edições críticas e traduções recentes dessa obra, como também a literatura a seu respeito.

I. *Literatura Primária*. No século XIX houve três edições do texto grego do *Da Interpretação* que merecem ser mencionadas: I. BÉKKER, *Aristotelis Opera*, vol. I, Berlin, 1831; e F. Didot, *Aristotelis Opera Omnia*, vol. I, Paris, 1848; e ainda Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*, Vol. I, Leipzig, 1844. Embora se trate de edições hoje superadas, mesmo assim são de um elevado nível de elaboração. O melhor texto crítico desta obra é, no momento atual, o de L. Minio-Paluello, *Aristotelis Categoriae et Liber de Interpretatione*, Oxford, 1949.

Quanto às traduções desta obra destacamos para o inglês a de H. P. Cooke, *Aristotle, Categories and On Interpretation*, London, Loeb, 1938; E. M. Edghill *Aristotle, De Interpretatione*, Oxford, 1928; J. L. Ackrill, *Aristotle's Categories and De Interpretatione*, Oxford, Clarendon, 1963; e também Le Roy Smith, *Aristotle, Categories and Interpretation*, California, Guild, 1959. Para o italiano há a tradução de G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955. Para o francês há a tradução de J. Tricot, *Aristote, Organon, II: De l'Interpretation*, Paris, Vrin, 1936. Para o alemão, há as traduções de J. Kirchmann, *Aristoteles, Das Organon*, Leipzig, 1876; E. Rofes, *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1922; e P. Gohlke, *Aristoteles, Kategorien und Hermeneutik*, Paderborn, Schöningh, 1951; 2ª ed. 1972. O espanhol dispõe da tradução de F. Samaranch, *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1973; P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Logica*, México, Porrúa, 1969; e ainda *Aristóteles, Tratados de Lógica (Organon)*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1988. A tradução para a língua portuguesa de P. Gomes, *Aristóteles, Organon, II: Periérmenias*, Lisboa, Guimarães, 1985, é inaceitável.

II. *Literatura Secundária*. Também aqui listamos a contribuição dos comentadores gregos, latinos e recentes do *Da Interpretação* de Aristóteles.

A) *Comentadores Gregos*. Dos comentadores gregos só chegaram até nós os dois seguintes comentários:

1. AMÔNIO, In: *Aristotelis de Interpretatione commentarius*, ed. A. Busse, Berlin, 1897 (CAG, IV, 5).

2. ESTEVÃO, In: *Librum Aristotelis de Interpretatione commentarium*, ed. M. Hayduck, Berlin, 1885 (CAG, XVIII, 3).

B) *Comentadores Latinos*. Este livro foi comentado, em latim, por inúmeros comentadores. Entre esses destacamos:

1. Alberto Magno, *Liber Perihermenias, Opera Omnia*, Vol. I, Paris, 1890.

2. Santo Tomás de Aquino, *Commentarium in Perihermenias, Opera omnia*, vol. I, Roma, Leonina, 1882.

3. J. Pacius, *Aristotelis Stagiritae... Organum*, Morgiis, 1584.

4. J. Pacius, In: *Porphyrii Isagogen et Aristotelis Organum Commentarius analyticus*, Aureliae Allobrogum, 1605.

5. Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece cum commentario*, vol. I, Leipzig, 1844-46.

C) *Comentários Recentes*. Não há muitos comentários recentes a esse livro de Aristóteles. Aqui indicamos os seguintes: J. A. Ackrill, *Aristotle's Categories and De Interpretatione*, Oxford, Clarendon, 1963; 3ª ed., Oxford, 1968. Sem dúvida o melhor comentário atual a esse livro. Pode-se também ler com proveito: J. Tricot, *Aristote, Organon*, vol. I, Paris, Vrin, 1936; 2ª ed., Paris, Vrin, 1959; G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaud, 1955. Ambos os livros contêm notas interessantes e esclarecedoras. Embora não sendo um comentário ao *Da Interpretação*, encerra contudo um estudo detalhado de seus temas mais importantes: E. Riondato, *La Teoria Aristotelica dell'Enunciazione*, Padova, Antenore, 1957.

IV

ANALÍTICOS

A seguir, consoante a tradição, vêm os *Analíticos* que tradicionalmente são decompostos em *Primeiros Analíticos* e *Segundos Analíticos*. Importa dizer, porém, que Aristóteles não decompunha esta obra nos mesmos termos em que a tradição nos legou. Como ele a concebe, tratar-se-ia de um único livro. A primeira evidência da distinção entre *Primeiros* e *Segundos Analíticos* encontramos em Alexandre de Afrodísias, em seu comentário aos *Primeiros Analíticos I*. Esta distinção que também se encontra nas listas dos manuscritos de Aristóteles, inventariadas por Diógenes Laércio (o primeiro, em V, 23 e o segundo em V, 29, da mencionada lista), apoia-se provavelmente na autoridade de Hermipo.

O título *Tà analytiká* é, ao que parece, do próprio Aristóteles. Não só Aristóteles, mas também os comentadores empregaram, em suas referências a esta obra, títulos como *Peri syllogismoy*, *Peri apodeixeos* ou *Apodeiktike*. Mas cabe notar que estes não constituem sua verdadeira denominação. Assim, Galeno, embora prefira *Apodeiktike*, afirma que esta designação não é a consagrada. Em inúmeras passagens de outras obras, Aristóteles cita os *Analíticos* e tais citações incidem seja sobre os *Primeiros Analíticos* (*Int.*, 19b31; *Tóp.*, 162a11; 162b32; 165b9; *Ret.*, 1356b9; 1357a30; etc.), seja sobre os *Segundos Analíticos* (*Tóp.*, 165b9; *Met.*, 1037b8; 1139b27; 1139b32; etc.). Por vezes, ele se refere tão-somente a seu conteúdo, sem os nomear ou citar (*An.Post.*, 73a8; 96a1; etc.).

Na Antigüidade, grande foi o número de obras intituladas de *Analíticos*. Diz-nos Adrasto de Afrodísias conhecer quarenta obras com tal título, das quais apenas quatro eram autênticas. Eudemo redigiu uns *Analíticos* e Teofrasto também escreveu seus *Primeiros Analíticos*. A recorrência desse título entre os primeiros peripatéticos enseja tratar-se de uma disciplina cujo protótipo se encontra nos *Analíticos* aristotélicos. Os *Segundos Analíticos* não são mencionados pelos primeiros comentadores; por outro lado, parece certo, segundo afirmam Galeno e Alexandre, que Teofrasto também tenha escrito uns *Segundos Analíticos*. Apesar disso, porém, resulta indiscutível a autenticidade dos *Analíticos*.

V

ANALYTICA PRIORA

Esta obra, constituída de duas partes, encerra a teoria formal do silogismo e as condições formais de toda demonstração, vale dizer, o núcleo de sua lógica formal. Nela se estuda o termo e sua classificação; a proposição e sua classificação; a conversão das proposições categóricas e modais; e, sobretudo, se investiga de forma exhaustiva o silogismo categórico (modos,

figuras, redução de uma figura a outra, etc.) e o silogismo modal e suas implicações básicas. O título desta obra, *Analytiká prótera*, foi traduzido de distintas maneiras, embora basicamente equivalente. Uma solução consiste em traduzi-lo por *Analíticos Piores*, como se observa em Ross (1949) e Tredennick (1938) que o traduziram por *Prior Analytics*. Outra alternativa consiste em traduzi-lo por *Primeiros Analíticos* ou *Analíticos Primeiros*. Assim Barthélemy Saint-Hilaire (1843, t.II) e Tricot (1936) traduzem por *Premiers Analytiques*; Colli (1955) opta por *Primi Analitici*; Azcárate (1969) por *Primeiros Analíticos*; Gohlke (1953) por *Erste Analytik*; Mignucci (1969) por *Analitici Primi*; Samaranch (1973) por *Analítica Primeira*.

É freqüente afirmar-se que as duas partes ou livros que constituem os *Primeiros Analíticos* não foram escritos consecutivamente um após o outro. Ao que a crítica interna indica, do ponto de vista estilístico, os *Primeiros Analíticos* são bem mais elaborados que os *Segundos Analíticos*, seja do ponto de vista da linguagem, seja do ponto de vista das idéias.

BIBLIOGRAFIA

Aqui passamos a examinar não só as edições críticas e traduções recentes, como também a literatura a seu respeito.

I. *Literatura Primária*. No século XIX os *Primeiros Analíticos* tiveram três edições de seu texto grego que cabem ser mencionadas: I. Bekker, *Aristotelis Opera*, vol. I, Berlin, 1831; há também que se mencionar a edição F. Didot, *Arjstotelis Opera Omnia*, vol. I, Paris, 1848; e ainda a edição Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*, vol. I, Leipzig, 1844. Embora se tratem de edições hoje superadas, mesmo assim elas encerram um elevado grau de elaboração técnica. De um ponto de vista contemporâneo, a melhor edição do texto crítico desta obra encontra-se em W. D. Ross & L. Minio-Paluello, *Aristotelis Analytica Priora et Posteriora*, Oxford, Clarendon, 1964. Há ainda a excelente edição com introdução e comentário de W. D. Ross, *Aristotle's Prior and Posterior Analytics*, Oxford, Clarendon, 1949.

Quanto às traduções para o inglês há que se mencionar H. Tredennick, *Aristotle, Prior Analytics*, London, Loeb, 1938; J. Warrington, *Aristotles, Prior and Posterior Analytics. Text and Translation*, London, 1964; A. J. Jenkinson, *Aristotle, Analytica Priora*, Oxford, 1928. Para o alemão há as traduções de K. Zell, *Aristoteles' Werke: Organon*, Stuttgart, Metzler, 1836; J. Kirchmann, *Aristoteles, Das Organon*, Leipzig, 1876; E. Rolfes, *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1922; e P. Gohlke, *Aristoteles, Erste Analytik*, Paderborn, Schöningh, 1953. Para o francês existe a tradução de J. Tricot, *Aristote. Organon, III: Les Premiers Analytiques*, Paris, Vrin, 1936. Para o espanhol há a tradução de F. Samaranch, *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1973; P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Logica*, México, Porrúa, 1969; e ainda *Aristóteles, Tratados de Logica (Organon)*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1988. Para o italiano há a tradução de G. Colli,

Aristotele, Organon, Torino, Einaudi, 1955 e também a de M. Mignucci, *Gli Analitici Primi*, Napoli, Loffredo, 1969, que encerra um detalhado comentário. Finalmente, temos a tradução portuguesa de P. Gomes, *Aristoteles, Organon, III: Analíticos Anteriores*, Lisboa, Guimarães, que não é confiável.

II. *Literatura Secundária*. Sob esta designação listaremos o que foi escrito pelos comentadores gregos de Aristóteles, pelos principais comentadores latinos e ainda pelos comentadores recentes.

A) *Comentadores Gregos*. Há quatro comentários gregos aos *Primeiros Analíticos*. São eles os seguintes:

1. Alexandre, *In: Aristotelis Analyticorum priorum librum I commentarium*, ed. M. Wallies, Berlin, 1883 (CAG, II, 1).

2. Amônio, *In: Aristotelis Analyticorum priorum librum I commentarium*, ed. M. Wallies, Berlin, 1899, (CAG, IV, 6).

3. Filópono, *In: Aristotelis Analytica priora Commentaria*, ed. M. Wallies, 1905 (CAG, XIII, 2).

4. Temístio, *Quae Fertur in Aristotelis Analyticorum priorum librum I paraphrasis*, ed. M. Wallies, Berlin, 1884 (CAG, XXIII, 3).

B) *Comentários Latinos*. Entre os comentários latinos deste livro destacamos os seguintes:

1. J. Pacius, *Aristotelis Stagiritae... Organon*, Morgiis, 1584.

2. J. Pacius, *In: Porphyrii Isagogen et Aristotelis organum commentarius analyticus*, Aureliae Allobrogum, 1605.

3. Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece cum commentario*, 2 vols., Leipzig, 1844-46.

Embora seja um comentário árabe e não latino, mesmo assim não deve ser omitido:

4. Al-Farabi's, *Short commentary on Aristotle's Prior Analytics*, tr. N. Rescher, Pittsburgh, 1963.

C) *Comentários Recentes*. Há bons comentários recentes aos *Primeiros Analíticos*. Entre esses mencionamos: W. D. Ross, *Aristotle's Prior and Posterior Analytics*, Oxford, Clarendon, 1949, reed. 1965, que encerra o texto grego

e um comentário capítulo por capítulo dessa obra. Em italiano, temos M. Mignucci, Aristoteles, *Gli Analitici Primi*, Napoli, Loffredo, 1969, que encerra, além da tradução, um detalhado comentário. Dois comentários em escala mais reduzida, mas mesmo assim interessantes, são: J. Tricot, *Aristote, Organon*, vol. III, Paris, Vrin, 1962; e G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955.

VI

ANALYTICA POSTERIORA

Esta obra, que também se divide em duas partes ou livros, encerra a teoria da ciência aristotélica. Ela tem por objetivo desenvolver a teoria da ciência demonstrativa, isto é, do conhecimento que, tendo como ponto de partida premissas necessárias, chega a conclusões igualmente necessárias.

O título deste livro, *Analytikà hystera*, foi traduzido de distintas maneiras, mas essencialmente equivalentes. Uma alternativa é traduzi-lo por *Analíticos Posteriores*, como fizeram Ross (1949) e Tredennick (1938), que o traduziram por *Posterior Analytics*. Outra solução consiste em traduzi-lo por *Segundos Analíticos* ou *Analíticos Segundos*, traduções encontradas, com frequência, sob uma ou outra forma, entre os tradutores de línguas neolatinas.

BIBLIOGRAFIA

Aqui passamos a examinar não só as edições críticas e traduções recentes dessa obra, como também a literatura a seu respeito.

1. *Literatura Primária*. No século XIX houve três edições do texto grego dos *Segundos Analíticos* que merecem ser mencionadas: I. Bekker, *Aristotelis Opera*, vol. I, Berlin, 1831; há também a edição de F. Didot, *Aristotelis Opera Omnia*, vol. I, Paris, 1848; e ainda a edição de Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*, vol. II, Leipzig, 1846. Tratam-se de edições superadas, mas mesmo assim de elevado padrão editorial. No século XX, a melhor edição do texto grego deste livro é a que foi realizada por W. D. Ross & L. Minio-Paluello, *Aristotelis Analytica Priora et Posteriora*, Oxford, Clarendon, 1964.

Para o inglês há duas traduções bem conhecidas, isto é, H. Tredennick, *Aristotle, Posterior Analytics*, London, Loeb, 1938; G. R. G. Mure, *Aristotle, Analytica Posteriora*, Oxford, Clarendon, 1928; J. Warrington, *Aristotle, Prior and Posterior Analytics. Text and Translation*, London, 1964. Recentemente, J. Barnes *Aristotle's Posterior Analytics*, Oxford, Clarendon, 1975, lançou uma tradução com detalhado comentário que merece toda a atenção. Há também a edição com introdução e comentário de W. D. Ross, *Aristotle's Prior and*

Posterior Analytics, Oxford, Clarendon, 1949, que não pode deixar de ser estudada. Para o alemão, há as traduções de J. Kirchmann, *Aristoteles, Das Organon*, Leipzig, 1876; K. Zell, *Aristoteles' Werke: Organon*, Stuttgart, Metzler, 1836; E. Rolfes, *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1922; e P. Gohlke, *Aristoteles. Zweite Analytik*, Paderborn, Schöningh, 1954. Para o francês há a tradução de J. Tricot, *Aristote, Organon, IV: Les Seconds Analytiques*, Paris, Vrin, 1947. Para o italiano há a tradução de G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955; e também a de M. Mignucci, *Gli Analitici Secondi*, Napoli, Loffredo, 1975, com introdução e comentários detalhados que merecem toda a atenção. Para o espanhol há a tradução de F. Samaranch, *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1975; P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Logica*, México, Porrúa, 1969; e ainda *Aristoteles, Tratados de Lógica (Organon)*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1988. Para o português há a tradução inaceitável de P. Gomes, *Aristóteles, Analíticos Posteriores*, Lisboa, Guimarães, 1985.

II. *Literatura Secundária*. Sob este título veremos o que foi produzido pelos comentadores gregos de Aristóteles, pelos principais comentadores latinos e, finalmente, pelos comentadores recentes.

A) *Comentários Gregos*. Há quatro comentários gregos aos *Analíticos Segundos*. São os seguintes:

1. Temístio, *Analyticorum Posteriorum paraphrasis*, ed. M. Wallies, Berlin, 1900 (CAG, V, 1).
2. Anônimo. In: *Analyticorum Posteriorum librum alterum commentarium*, ed. M. Wallies, Berlin, 1909 (CAG, XIII, 3).
3. Filópono, In: *Aristotelis Analytica Posteriora commentaria*, ed. M. Wallies, Berlin, 1909 (CAG, XIII, 3).
4. Eustrato, In: *Analyticorum Posteriorum librum secundum commentarium*, ed. M. Hayduck, Berlin, 1907 (CAG, XXI, 1).

B) *Comentários Latinos*. Dentre os comentadores latinos destacamos os seguintes:

1. Santo Tomás de Aquino, *Aristotelis Stagiritae libros nonnullos commentaria Analyticorum posteriorum, Opera Omnia*, vol. 22, Paris, 1875.
2. J. Pacius, *Aristotelis Stagiritae... Organum*, Morgiiis, 1584.
3. J. Pacius, In: *Porphyrii Isagogen et Aristotelis Organum commentarius analyticus*, Aureliae Allobrogum, 1605.

4. Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece cum Commentario*, Vol. II, Leipzig, 1846.

C) *Comentários Recentes*. Há bons comentários aos *Analíticos Segundos*. Os mais importantes são: W. D. Ross, *Aristotle's Prior and Posterior Analytics*, Oxford, Clarendon, 1949; reed. 1965, que contém o texto grego e um comentário detalhado. Em italiano, M. Mignucci, *L'Argomentazione Dimostrativa in Aristotele*, 2 vols., Padova, Antenore, 1975. Trata-se de um comentário minucioso ao livro de Aristóteles. Em escala menor, mesmo assim muito interessantes, são: J. Tricot, *Aristote, Organon, IV: Les Seconds Analytiques*, Paris, Vrin, 1950; e G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955. Mas o comentário crítico e conceitual é, no momento presente, o de J. Barnes, *Aristotle's Posterior Analytics*, Oxford, Clarendon, 1975.

VII

TOPICA

Nesta obra, Aristóteles estuda as seguintes questões: o método dialético e os predicáveis (*Tóp.*, I); a seguir, ele discorre a respeito dos tópicos do acidente (II-III), do gênero (IV), do próprio (V) e da definição (VI-VII); finalmente, após fornecer algumas observações suplementares, encerra o livro com algumas regras para a prática da argumentação dialética (VIII).

O objetivo desta obra é 'encontrar um método (*méthodon eyrein*) que nos torne capazes de raciocinar dedutivamente (*sylogizesthai*) a partir de idéias admitidas ou provável (*ex endóxon*) sobre todos os assuntos que nos foram propostos' (*Tóp.*, 100a18-20). Deste modo, pode-se dizer que os *Tópicos* visam basicamente a discorrer sobre a dialética considerada como o instrumento do conhecimento provável (*Pragmatéia peri ten dialektiken*).

Para levar a termo uma discussão mediante perguntas e respostas, esta obra procura isolar e levantar certos *Tópoi* (sing., *tópos*). 'lugares', uma palavra cujo significado preciso é de difícil caracterização. Em seu sentido fundamental, um lugar (*tópos*) seria um dispositivo que permitiria estabelecer as premissas que justificam ou refutam determinada conclusão.¹⁸

Os títulos gregos, *oi tópoi* (Alexandre, Filópono) e ainda *E topike pragmatéia* (Amônio, Alexandre) são com alguma freqüência empregados pelos comentadores, embora Aristóteles se utilize de *Tà topiká*, como comprovam inúmeras citações e remissões por ele feitas a esta obra (cf. Bonitz, *Index*, 766b29ss). Por outro lado, na antigüidade se distinguia os *Tópicos* de um tratado denominado *Methodiká* ou *Methodikón* e, com efeito,

18. Cf. para maiores detalhes, Brunschwig, *Ob. cit.*, p. XXXIX.

Aristóteles remete a uma obra com este título (*Ret.*, 1356b19), mas na verdade esta remissão se aplica aos *Tópicos*. Isto é fácil de ser explicado desde que nos lembremos que este tratado se define, já em sua introdução, como uma obra que objetiva 'encontrar um método' que torne viável formular raciocínios sobre todas as *endoxa*. Disto se segue que *Methodiká* nada mais é que um título alternativo para os *Tópicos*.

Dada a dificuldade de se traduzir para outra língua o que Aristóteles quer comunicar pela palavra *tópos*, o título original desta obra tem sido apenas transliterado. Assim, os franceses se valem da palavra *Topiques* (Barthélemy Saint-Hilaire, Tricot, Brunschwig), os italianos de *Topici* (Colli, Zadro), os alemães de *Topik* (Kirchmann, Rolfes, Gohlke) e os ingleses de *Topics* ou *Topica* (Pickard-Cambridge, Forster).

A autenticidade deste livro também parece indiscutível, já que é atestada, pelas inúmeras referências a ele feitas, por outras obras do *Corpus*. Neste sentido, é freqüentemente citada, seja sob este título (*An.Pr.*, 24b12; 64a37; *Ret.*, 1335a28; 1356b13; 1358a29; 1396b3-4; 1398a29; 1399a6; etc.), seja sob o título de *Dialética* ou *Tratado de Dialética* (*An.Pr.*, 46a29-30; *Ret.*, 1396b24; 1401a2). Em outras passagens, sob o título de *Tópicos*, ao que se visa na verdade são as *Refutações Sofísticas*. Por outro lado, de forma explícita, nos *Tópicos* só se encontram, entre todas as obras de Aristóteles, apenas duas remissões aos *Analíticos*, e não se deve excluir a hipótese destas terem sido introduzidas tardiamente no texto (*Tóp.*, 162a11, 13; 163b32). Portais razões, a autenticidade dos *Tópicos* sempre foi, desde a antigüidade, uma questão pacífica. Só tardiamente foram registradas algumas dúvidas quanto a esta questão. Neste sentido, F. Patrizzi, platônico do século XVI, nega a autenticidade de toda a obra, Pflug rejeita apenas o livro quinto¹⁹ e, finalmente, Zürcher também nega sua autenticidade na medida em que procura provar a inautenticidade de todas as obras de Aristóteles.²⁰

BIBLIOGRAFIA

Vamos aqui examinar não só as edições críticas e traduções recentes dessa obra, como também a literatura a seu respeito.

I. *Literatura Primária*. No século XIX os *Tópicos* tiveram três edições de seu texto grego que devem ser mencionadas: I. Bekker, *Aristotelis Opera*, vol. I, Berlin, 1831; F. Didot, *Aristotelis Opera Omnia*, vol. I, Paris, 1848; e ainda a edição de Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*, vol. II, Leipzig, 1846. Embora sejam hoje edições superadas, mesmo assim elas conservam um alto nível de elaboração. No século XX, a primeira edição crítica do texto dos *Tópicos*

19. J. Pflug, *De Aristotelis Topicorum libro quinto*, Leipzig, Brockhaus, 1908.

20. J. Zürcher, *Aristoteles' Werk und Geist*, Paderborn, Schöningh, 1952.

encontramos em I. Strache - M. Wallies, *Aristotelis Topica cum Libro de Sophisticis Elenchis*, Leipzig, Teubner, 1923. A mais recente edição crítica do texto grego desta obra encontra-se em W. D. Ross, *Aristotelis Topica et Sophistici Elenchi*, Oxford, Clarendon, 1958; ed. revista 1970. Mais recentemente ainda, dispomos da edição de J. Brunschwig, *Aristote: Topiques*, 4 vols., Paris, Les Belles Lettres, 1967.

Para o inglês há as traduções de E.S. Forster *Aristotle, Topica*, London, Loeb, 1960 e W. A. Pickard - Cambridge, *Aristotle, Topica*, Oxford, Clarendon, 1928. Para o francês há a tradução de J. Tricot, *Aristote, Organon, V: Les Topiques*, Paris, Vrin, 1939 e também a tradução recente de J. Brunschwig, *Aristote, Topiques*, 4 vols., Paris, Les Belles Lettres. Para o italiano há a tradução de G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955 e também a mais recente de A. Zadro, *Aristotele. I Topici*, Napoli, Loffredo, 1974. Para a língua alemã há as traduções de K. Zell, *Aristoteles' Werke: Organon*, Stuttgart, Metzler, 1836; a J. Kirchmann, *Aristoteles, Das Organon*, Heidelberg, Weiss, 1883; E. Rolfes *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1919; 2ª ed. 1922; e ainda P. Gohlke *Aristoteles, Topik*, Paderborn, Schöningh, 1952. Para o espanhol, há a tradução de F. Samaranch, *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1975; P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Lógica*, México, Porrúa, 1969; e ainda *Aristoteles, Tratados de Logica (Organon)*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1988. Para o português há a tradução de L. Vallandro - G. Bornheim, *Aristoteles, Tópicos e Dos Argumentos Sofísticos*, São Paulo, Abril, 1978 - tradução não do original, mas do texto inglês de W. A. Pickard - Cambridge - e a de P. Gomes, *Aristóteles, Organon, V: Tópicos*, Lisboa, Guimarães que é inaproveitável.

II. *Literatura Secundária*. Sob essa rubrica veremos o que foi produzido pelos comentadores gregos, pelos comentadores latinos e, ainda, pelos comentadores recentes.

A) *Comentários Gregos*. Há um único comentário grego aos *Tópicos*. Este é

1. Alexandre, in: *Aristotelis Topicorum Libros octo Commentaria*, ed. M. Wallies, Berlin, 1891 (CAG, II, 2).

B) *Comentários Latinos*. Entre os diversos comentários latinos desta obra, destacamos os seguintes:

1. J. Pacius, *Aristotelis Stagiritae... Organon*, Morgiis, 1584.

2. J. Pacius, in: *Porphyrii Isagogen et Aristotelis Organon Commentarius Analyticus*, Aureliae Allobrogum, 1605.

3. Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece cum Commentario*, Vol. II, Leipzig, 1846.

4. S. Mauro, *Aristotelis Opera Omnia*, vol. 1, Paris, Lethielleux, 1885.

C) *Comentários Recentes*. Não há muitos comentários recentes a esse livro. Entre esses cabe assinalar os seguintes: A. Zadro, *Aristotele, I. Topici*, Napoli, Loffredo, 1974, tradução com comentário detalhado. Em inglês, W. D. Ross, *Aristotelis Topica et Sophistici Elenchi*, Oxford, Clarendon, 1958; em francês, J. Tricot, *Aristote, Organon*, vol. V, Paris, Vrin, 1950; e em italiano, G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955. Mas entre todos os comentários atuais avulta, por sua penetração analítica, o de J. Brunschwig, *Aristote: Topiques*, 4 vols., Paris, Les Belles Lettres.

VIII

DE SOPHISTICIS ELENCHIS

O objetivo fundamental desta obra é estudar a argumentação sofística. Segundo a tradição medieval, ela se divide em duas partes bem distintas que foram denominadas de Livro I - que recebeu o título de 'Invenção' e abrange os Capítulos I a XV -, e de Livro II - rotulada de 'Juízo' e se estende dos Capítulos XVI a XXXIV. A primeira parte descreve como surgem as distintas argumentações e refutações sofísticas, enquanto que a segunda discute como evitá-las e resolvê-las. Em ambas as partes os mesmos treze tipos de sofismas são listados e divididos em dois grupos: *in dictione* (i. é, dependentes da expressão) e *extra dictionem* (i. é, independentes da expressão).

De forma mais minuciosa, pode-se dizer que as *Refutações Sofísticas* se dividem, não em duas, mas em quatro partes distintas. Na primeira, constituída pelos dois capítulos iniciais, Aristóteles distingue a argumentação e a refutação autênticas daquelas que o são só em aparência (*Soph. El.*, Cap. I), e ainda classifica os tipos de argumentos que aparecem em uma discussão em forma de diálogo em: didáticos, dialéticos, críticos e erísticos (Cap. II). Na segunda, Aristóteles se detem a estudar de modo minucioso os sofismas ou falácias e desenvolve os procedimentos necessários para caracterizá-los e refutá-los (Cap. III-XV). Na terceira, ele disserta a respeito do que poderíamos chamar de solução dos sofismas, uma vez que cabe àquele que responde resolvê-los de forma satisfatória (Cap. XVI-XXXIII). Finalmente, na última parte ele sumariza os resultados obtidos nos *Tópicos* e nas próprias *Refutações Sofísticas*, tece algumas considerações sobre a dialética comparando-a com outras disciplinas, especialmente com a retórica, e conclui discorrendo sobre a originalidade de suas investigações (Cap. XXXIV).

Este tratado é, na atualidade, considerado pela maioria dos especialistas um apêndice ou complemento dos *Tópicos* - i.é, como o Capítulo IX desta obra. Se em algumas passagens Aristóteles parece distinguir os dois tratados, o faz como quem discrimina a parte do todo. Pois, como se sabe, Aristóteles remete às *Refutações Sofísticas* mediante à locução *en tois topikois* (Bonitz, *Index*, 162a49); e, por outro lado, ele afirma que o estudo dos sofismas faz parte da dialética, mas esta, como sabemos, é estudada nos *Tópicos*.

O título grego deste tratado, *Peri sophistikou élenchon* ou *Sophistikoi élenchoi*, eminentemente descritivo, não é provavelmente de Aristóteles. Tal como se deu com outros títulos de outras de suas obras, a dificuldade de se traduzir para outro idioma o que Aristóteles quer dizer por *élenchos*, levou os tradutores desta obra a meramente transliterarem as palavras gregas ou a procurarem uma solução similar a esta. Neste sentido, o latim verteu por *De sophisticis elenchis* e os tradutores posteriores optaram em francês por *Réfutations Sophistiques* (Tricot), em inglês por *Sophistical Refutations* (Forster), em italiano por *Confutazioni Sofistiche* (Colli), em espanhol por *Refutaciones Sofísticas* (Larroyo) e em português por *Refutações Sofísticas*.

Sua autenticidade, tal como a dos *Tópicos*, é inquestionável. Aristóteles a cita, sob o título de *Tópicos*, em mais de um lugar (*An.Pr.*, 65b16 - onde se remete a *Soph.El.*, 167b22ss - e *Int.*, 20b26 - que remete a diversas passagens dos *Soph.El.*, 167b38ss; 169a6ss; 175b39ss; 181a36ss). Por outro lado, as *Refutações Sofísticas* remetem aos *Tópicos* insinuando tratar-se de um único livro (cf. *Soph.El.*, 166b14; 172b27; 165b7-10).

BIBLIOGRAFIA.

Vamos agora examinar não só as edições críticas e traduções recentes dessa obra, como também a literatura a seu respeito.

I. *Literatura Primária*. No século XIX, das *Refutações Sofísticas* houve quatro edições do texto grego que não podem ser esquecidas: I. Bekker, *Aristotelis Opera*, vol. I, Berlin, 1831; F. Didot, *Aristotelis Opera Omnia*, vol. I, Paris, 1848; e a edição de Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece*, vol. II, Leipzig, 1846; e ainda a edição de E. Poste, *Aristotle on Fallacies or the Sophistici Elenchi*, London, Macmillan, 1866 - que encerra tradução e comentário. Estas são hoje edições superadas, não obstante o elevado padrão técnico de sua editoração. No século XX a primeira edição crítica das *Refutações Sofísticas* se encontra em I. Strache-M. Wallies, *Aristotelis Topica cum Libro de Sophisticis Elenchis*, Leipzig, Teubner, 1923. A mais recente edição do texto crítico desta obra encontra-se em W. D. Ross, *Aristotelis Topica et Sophistici Elenchi*, Oxford, Clarendon, 1958; ed. revista, 1970.

Para o inglês há as traduções de E. S. Forster *Aristotle, On Sophistical Refutations*, London, Loeb, 1955 e W. A. Pickard, Cambridge, *Aristotle, Topica and De Sophisticis Elenchis*, Oxford, Clarendon, 1928. Para o francês, há a tradução de J. Tricot, *Aristotele Organon, VI: Les Réfutations Sophistiques*, Paris, Vrin, 1939. Para o italiano há as traduções de E. Nobile, *Aristotele, Elenchi Sofistici*, Bari, 1923; G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955; e em preparação, uma tradução por A. Zadro, *Aristotele, Le Confutazioni Sofistiche* que deve aparecer pela editora L. Loffredo, Nápoles. Para o espanhol, há as traduções de F. Samaranch *Aristoteles, Obras*, Madrid, Aguilar, 1975; P. Azcárate, *Aristoteles, Tratados de Lógica*, México, Porrúa, 1969; e ainda

Aristoteles, Tratados de Lógica (Organon), 2 vols., Madrid, Gredos, 1988. Para o alemão, temos as traduções de J. Kirchmann, *Aristoteles, Das Organon*, Leipzig, 1876-83; E. Rolfes, *Aristoteles, Organon*, Leipzig, 1922; P. Göhlke, *Aristoteles, Topik IX*, Paderborn, Schöningh, 1952. Há duas traduções para a língua portuguesa, uma brasileira de L. Vallandro - G. Bornheim *Aristóteles, Tópicos e Dos Argumentos Sofísticos*, São Paulo, Abril, 1978 - realizada não a partir do original grego, mas da tradução inglesa de W. A. Pickard - Cambridge - e outra portuguesa, de P. Gomes, *Aristóteles, Organon, VI: Elenchos Sofísticos*, Lisboa, Guimarães, 1986, de qualidade inaceitável.

II. *Literatura Secundária*. Sob esta designação veremos o que foi escrito pelos comentadores gregos, latinos e recentes de Aristóteles.

A) *Comentários Gregos*. Só há dois comentários gregos dos *Tópicos*. São eles os seguintes:

1. Alexandre, *Alexandri quod fertur in Aristotelis Sophisticos Elenchos Commentarium*, ed. M. Wallies, Berlin, 1898 (CAG, II, 3).

Este comentário atribuído a Alexandre é talvez de Miguel de Éfeso ou de Psellos.

2. Anônimo, *In: Aristotelis Sophisticos Elenchos paraphrasis*, ed. M. Hayduck, Berlin, 1884 (CAG, XXIII, 4).

Esta paráfrase foi provavelmente escrita por Sofônias.

B) *Comentários Latinos*. Dentre os comentários latinos de que esta obra foi objeto, destacamos os seguintes:

1. J. Pacius, *Aristotelis Stagitae... Organum*, Morgiis, 1584.

2. J. Pacius, *In: Porphyrii Isagogen et Aristotelis Organum Commentarius Analyticus*, Aureliae Allobrogum, 1605.

3. Th. Waitz, *Aristotelis Organon Graece cum Commentariae*, Vol. II, Leipzig, 1846.

C) *Comentários Recentes*. Entre os poucos comentários recentes a esse livro destacamos os seguintes: J. Tricot, *Aristote, Organon, VI: Les Réfutations Sophistiques*, Paris, Vrin, 1950; G. Colli, *Aristotele, Organon*, Torino, Einaudi, 1955.